

**A LEVEZA COMO PROPOSTA AO TERCEIRO  
MILÊNIO: UMA LEITURA DE "SOMBRAS DE REIS BARBUDOS" DE  
JOSÉ J. VEIGA**

**CARDOSO**, Francisco José dos Santos  
Franciscoj\_cardoso@hotmail.com  
**ALVES**, Milena Santos Alves  
euzinha\_milena@yahoo.com.br  
**SANTANA**, Vanilda da Silva de  
vanildaki@bol.com.br

**NUNES**, Antonia Maria  
Mestre em Comunicação e Semiótica: Literaturas – PUC/SP. Professora de Teoria de  
Literatura e Literaturas da UNIT.  
nianunes@yahoo.com.br

## **RESUMO**

Este artigo analisa o tema da "leveza" na obra "Sombras de Reis Barbudos", do romancista José J. Veiga, a partir das fundamentações teóricas do escritor e crítico literário, Ítalo Calvino, sobre a temática na obra "Seis propostas para o próximo Milênio". Observa-se, em primeiro plano, as reflexões sobre a leveza, tanto no sentido ético quanto estético, destacando o quanto a literatura, com seus instrumentos específicos, pode nos conceder artifícios a fim de transcender o peso utilizando a leveza como artifício. Neste sentido, tal proposta - a leveza - é ilustrada a partir da análise da linguagem e conteúdo no romance "Sombras de Reis Barbudos", no qual o peso (do conteúdo) e a leveza (da linguagem) possibilita-nos um contraponto reflexivo acerca das opressões e busca de caminhos possíveis que envolvem a própria fragilidade da condição humana.

**PALAVRAS-CHAVE:** leveza; literatura; linguagem, opressão, hipocrisia, golpe.

## **ABSTRACT**

This article analyse the theme of "lightness" in the workmanship Smelt's de Reis Bar Judos, of the roman cist Jose J. Veiga, from the theoretical recitals of the writer and literary critic Ítalo Calvino, on thematic in the workmanship the Seis Propostas para o Próximo Milênio. It is observed, in first plan, the reflection on the lightness in such a way in the ethical direction as aesthetic, detaching how much literature, with its specific instruments, can in granting them to draw a line the sorrow utilizing the levity how synthetic. In this direction, such proposal - the lightness - is illustrated from the language and content in the analyzed romance, in which the weight (of the content) and the lightness (of the language) make possible them a reflective counterpoint concerning the oppressions and search of possible ways that involve the proper fragility of the condition human being.

**KEY WORDS:** Levity; Literature; Language; Opression; Hypocrisy; Stroke.

## **A LEVEZA COMO PROPOSTA AO TERCEIRO MILÊNIO: UMA LEITURA DE "SOMBRAS DE REIS BARBUDOS" DE JOSÉ J. VEIGA**

### **INTRODUÇÃO**

O presente trabalho tem como objeto uma análise da obra *Sombras de Reis Barbudos*, de José J. Veiga buscando perceber como tal escritor utiliza artifícios literários em seu romance, construindo a leveza em seu discurso. Como objetivos específicos intentamos refletir os conceitos de leveza, identificando-os na obra analisada ao buscar elementos sutis e, à primeira vista, imperceptíveis, capazes de retirar o peso da estrutura e da linguagem, baseando-nos na visão teórica de Ítalo Calvino sobre a temática.

Sabe-se que hoje vivemos numa época de especialização, em que o mercado de trabalho regido pela concorrência, exige mão de obra especializada e qualificada; uma imposição do sistema no qual estamos inseridos. Essa exigência de aperfeiçoamento profissional vem gerando seres mecanizados, desprovidos de valores humanos.

Submergidos em suas atividades estes não têm oportunidade para serem, no meio dos homens, iguais entre iguais. Independente das especializações, necessárias ao exercício de suas atividades têm algo em comum - um atributo, o de serem humanos e o de enfrentarem problemas em sociedade e assim dar continuidade à aventura humana - VIVER.

Nesse contexto a literatura deixará de ser o sorriso da sociedade para ser o testemunho de uma época, uma mensagem acessível a todos, permitindo ao homem sentir junto do seu semelhante como é igual entre iguais.

Por que J. Veiga, *Sombras de Reis Barbudos* e leveza? Perguntamos. A resposta é simples: Porque sua linguagem e seus temas são contemporâneos e tratados num universo que pode estar em qualquer lugar, marcando, com isso, a atemporalidade e a atualidade de sua literatura.

O escritor Italo Calvino já se preocupava com a temática da leveza ao elencá-la como uma das qualidades que a literatura pode nos conceder. Chegando ao terceiro milênio, pois, torna-se ainda mais importante refletirmos tal tema. Discutir leveza em tempos tão cruéis, como os atuais, em que o peso do viver tornou-se quase que insuportável, haja vista a incidência de guerras, declaradas ou não, é assunto extremamente relevante, principalmente

quando tal temática alia-se à literatura, já chamada de "arma dos vencidos" - instrumento dos que estão à margem, numa sociedade utilitarista.

Dividimos o trabalho em três capítulos. No primeiro deles - "Quando o peso se torna insuportável" – procuramos conceituar e refletir a leveza enquanto qualidade literária em suas diversas faces. No segundo capítulo - "Uma história de opressão" analisamos o romance Sombras de Reis Barbudos, no qual percebemos que trata de um tema forte - o destino do homem oprimido por violências de diferentes tipos de poder; no terceiro capítulo - "A leveza da linguagem" - demonstramos que José J. Veiga, numa linguagem simples e quase infantil, consegue transcender o peso da existência utilizando a leveza da linguagem como artifício, além inserir também na sua obra o elemento maravilhoso – a literatura fantástica.

Portanto, o texto de José J. Veiga, apesar da atmosfera opressiva que se instala em todas as suas manifestações arbitrarias, interditando a liberdade humana, nos guia com humor, magia e leveza pelas descobertas do narrador - personagem; e também pelas nossas próprias descobertas diante de possíveis interpretações da vida e suas conflitantes relações.

## **2. QUANDO O PESO SE TORNA INSUPORTÁVEL**

Ao ser convidado em 1984 a fazer um ciclo de seis conferências na Universidade de Harvard, o escritor Ítalo Calvino selecionou as qualidades e/ou valores da literatura, e que, vistas na perspectiva atual, mereciam ser preservados no curso do próximo milênio como precioso legado do milênio que passou (o milênio do livro) destinadas para a geração do ano 2000.

Calvino argumentou a favor da leveza, e o fez em contraposição ao peso, como um exercício de sutileza, de raciocínio e de capacidade de abstração. Sobre ela (a leveza), argumenta ser uma conquista, "é algo que se cria". (Ibid, p.22). Dessa forma, quando sobressaltados pelo peso inerente ao viver, proporcionado por cada desencontro sofrido, cada fome sentida, cada guerra enfrentada, cada ódio vivido, então é ela - a leveza - o ato de dizer "não" ao peso.

Na contraposição da leveza ao peso, segundo Calvino é preciso considerar o mundo sob outra ótica, buscando a redescoberta do "dizer" em oposição ao excesso sógnico da linguagem banalizada dos dias atuais que emudecem o poeta. Portanto, temos que procurar aliviar o verbo, eliminando os acidentes que o obscurecem.

Partindo da percepção de que o mundo inteiro parece, às vezes, transformado em pedra, Calvino defende a "leveza do pensamento" que a literatura permite, explicitando não se tratar de distanciar-se das realidades das coisas em si, mas, sim, de uma aproximação capaz de retirar o peso das coisas. Sabe-se que o ser humano tem o privilégio de criar infinitas maneiras de olhar os seres e as coisas, e produzir tantos conceitos e realidades quanto possa imaginar. Para tanto, necessitamos adquirir "interioridade" a fim de questionarmos o território dos nossos pensamentos - e, como uma recusa à lei mosaica de "olho por olho e dente por dente", sermos a favor de atitudes mais flexíveis diante da vida.

Deve-se acrescentar ainda que de acordo com a visão de Italo Calvino a leveza se apresenta em três acepções: Primeiro, "Como um despojamento da linguagem por meio da qual os significados são canalizados por um tecido verbal quase imponderável até assumirem essa mesma rarefeita consistência." (Ibid, p. 28).

Nesse sentido, através de Emily Dickinson, Calvino nos fornece elementos para análise dessa significação:

"Uma sépala, uma pétala, um espinho  
 Numa simples manhã de verão...  
 Um frasco de Orvalho...uma abelha ou duas...  
 Uma Brisa... um bulício nas árvores...  
 E eis-me Rosa!" (Ibid, p.28).

Observando o fragmento acima podemos perceber que aos poucos, e de maneira leve, na medida em que se vai encadeando cada palavra, cada frase, vislumbra-se o desabrochar da rosa em toda sua sutileza, passo a passo. Nesse ponto, a linguagem paulatinamente vai sendo desfeita, perdendo o seu valor emblemático e dando lugar ao rarefeito surgimento de cada pétala, uma a uma, até restar, somente e tão somente, a imagem da rosa completa, serena e plena.

A segunda acepção de leveza, de acordo com o parecer de Calvino, trata-se de "A narração de um raciocínio de um processo psicológico no qual interferem elementos sutis e imperceptíveis, ou qualquer descrição que comporte um alto grau de abstração". (Ibid, p. 29). Para exemplificar esse novo sentido de leveza, socorre-nos Henry James (Apud, Calvino p.29)

Era como se essas profundezas, regularmente transpostas por uma estrutura bastante firme a despeito de sua leveza e de suas ocasionais oscilações naquele espaço um tanto vertiginoso, os convidassem, de quando em quando, no interesse de seus nervos, a um mergulho do prumo e a uma sondagem do abismo. Uma diferença, além disso, havia surgido, de uma vez por todas, pelo fato de a jovem, nesse ínterim, não demonstrar qualquer necessidade de refutar a acusação que ele lhe havia movido exatamente antes que uma de suas últimas e mais longas discussões chegasse ao fim a de guardar para si mesma uma idéia que ela não tinha coragem de exprimir. (A fera na Selva) (Henry James) (Ibid, p.29)

Sabe-se que o homem, entregue à vida desperta, racionaliza suas emoções com os conceitos do dia-a-dia. As imagens advindas de suas emoções e devaneios, quase sempre são deformadas quando expressas na linguagem, pois muitas vezes não se encontra a palavra certa para reproduzir com fidelidade o pensamento.

Para analisar e entender o sentido dessa interpretação Calvino recorre à imagem de um personagem-poeta, numa das histórias de "Decamerão", de Boccaccio, que meditava numa igreja entre os sepulcros de mármore, quando, de repente, o Sr. Betto e sua brigada de cavaleiros partiram para cima do poeta (Guido Cavalcanti) que, vendo-se cercado por eles e recusando-se fazer parte daquela brigada, apoiou-se "sobre um daqueles túmulos, que eram bem altos", e, "levíssimo que era, deu um salto arrojando-se para o outro lado e, desembaraçando-se deles, lá se foi".(Ibid, p. 24).

Segundo o próprio Calvino, o que chama a atenção nessa narrativa é a imagem visual provocada por Cavalcanti ao libertar-se com um salto: "demonstrando que sua gravidade detém o segredo da leveza".

Nota-se no pensamento calviniano a busca por um caminho que ofereça ao universo pesado e opaco, predicados opostos a ele; neste ponto, não se trata da fuga da realidade – até porque a realidade também não é somente aspereza - mas da necessidade de se olhar o mundo de forma diferente.

Para com objetividade descrever o conceito de leveza e dar visibilidade às imagens verbais, Calvino recorre à mitologia e à Literatura clássica. Nas "Metamorfoses" de Ovídio, o teórico vai encontrar as relações entre a leveza de Perseu e o peso da Medusa. Perseu, possuidor de grande astúcia, com suas sandálias aladas, rápido e leve para cortar a cabeça da Medusa, orienta-se pela imagem do monstro refletida em seu escudo de bronze, evitando, com um olhar direto, a pesada sentença de ser transformado em estátua de si mesmo e ficar condenado ao peso eterno da pedra.

A leveza, portanto associa-se à poesia, à forma e ao ritmo, não unicamente ao tema. É portanto, parte do estilo que se aprimora no processo contínuo da escritura.

Queremos acreditar que o escritor ao produzir suas entre outras razões, poderá fazê-lo, também para escapar do mundo inapto, para transformar e para dar a realidade imperfeita, cruel ou monótona, um pouco mais de poesia. É preciso leveza para enfrentar o insuportável peso do ser.

Outro exemplo, agora nosso, é encontrado em José J. Veiga. Seu romance, *Sombras de Reis Barbudos*, objeto deste estudo científico, traz no enfoque narrativo um caráter de poder massacrante e fiscalizador. Por conta da invasão de estrangeiros que constroem uma "Companhia de Melhoramentos", a vida dos cidadãos de uma cidadezinha do interior torna-se insuportável e fechada, afunilando-se até a mágica solução: voar. O tema forte da opressão e da liberdade é trabalhado numa linguagem solta e corrente, abstraindo a concretude do tema enfocado e o do destino do homem.

Para Calvino, a leveza é algo que se cria no processo de escrever, independentemente da doutrina filosófica que o poeta pretenda seguir. Aqui a literatura é vista como uma função existencial e a busca da leveza como reação ao peso do viver.

Acreditamos que o ideal de literatura proposto por Calvino pretende alcançar uma sintonia entre o espetáculo movimentado do mundo, o dramático ou grotesco, e o ritmo da aventura interior. Assim, busca retirar o peso à estrutura narrativa e à linguagem utilizada tornando-a capaz de levar o homem a visualizar o real mais real, aquele além do visível e palpável, só possível pela imaginação.

Não podemos admirar a leveza da linguagem se não soubermos admirar igualmente a linguagem dotada de peso". (Calvino, 1990, p.27). E esclarece que, para ele, a idéia de leveza, está associada à precisão e à determinação, nunca ao que é vazio, indefinido ou incerto.

"É preciso ser leve como o pássaro e nunca como a pluma" (Ibid, p.28). Em outras palavras, o pássaro tem uma trajetória definida ao passo que a pluma voa ao sabor do vento, aleatoriamente, confirmando assim que a leveza não se opõe à precisão ou à determinação.

Daí podermos concluir toda a dimensão que possui a obra literária de mostrar-se como realidade através de uma estrutura narrativa e uma linguagem capazes de levitar sobre as coisas sem se desfazer, como em sonhos, em contato com o "real" do mundo que é constituído não só de acontecimentos leves mas também de pesados.

### **3. SOMBRA DOS REIS BARBUDOS: UMA HISTÓRIA DE OPRESSÃO EM QUE O FANTÁSTICO DAS SITUAÇÕES ALIVIA O PESO DA EXISTÊNCIA**

O Brasil, como quase toda a América Latina, viveu nas décadas de sessenta e setenta um período marcado por um sistema político ditatorial, em que predominavam a censura e a perda da liberdade de expressão. Nesse contexto, as artes de forma geral, começaram a expressar resistência a toda opressão sofrida; a literatura passa a ser utilizada por escritores

como um artifício, um código capaz de alcançar o leitor, retratar a época denunciando toda repressão e totalitarismo do sistema eximindo-se da atenção dos censores.

Rompendo a censura, José J. Veiga lança em 1972 o romance *Sombras de Reis Barbudos*, que faz alusão ao Brasil dos anos setenta.

*Sombras de Reis Barbudos* trata-se de um relato a partir da visão do garoto Lucas, personagem-narrador, buscando compreender o que se passa em Taitara, cidade onde mora, após a chegada de seu tio Baltazar e a fundação de uma Companhia. É uma história de opressão, na qual os acontecimentos não se explicam, mas são apenas registrados e parecem continuar eternamente.

A obra apresenta elementos do imaginário local e regional, uma linguagem coloquial mesclada a uma linguagem trabalhada e principalmente descreve a realidade política de um país através de um interior do Brasil.

O início da história se dá com a chegada de Tio Baltazar a Taitara, onde funda a Companhia de Melhoramentos. Horácio, o Pai de Lucas, logo se emprega nela e passa a ser um cidadão mais respeitado, já que é um "homem da Companhia". No princípio há um clima harmonioso, apenas empanado pelo ciúme de Horácio em relação ao modo com que Lu é tratado pelo tio Baltazar, que planeja um dia vê-lo engenheiro. Essa harmonia logo se rompe com a inexplicável partida do tio e o seu desvinculamento da Companhia - as coisas começam a se complicar em Taitara, com pessoas ficando desempregadas e uma constante ameaça no ar. Todavia, Horácio permanece em seu cargo, embora sem a presença do cunhado Baltazar.

A evolução da narrativa acompanha uma crescente tensão na obra - aos poucos; a Companhia vai se tornando muito poderosa e rege a vida dos habitantes de forma autoritária e repressiva, regulando todos os atos, a ponto de proibir comportamentos como rir em público ou cuspir no chão.

O absurdo de algumas situações narradas nos leva a identificar a presença do fantástico na obra de J.J. Veiga

Segundo o poeta e crítico russo T. Todorov, para compreender o "fantástico" é necessário perceber que:

Num mundo, que é exatamente o nosso, (...) produz-se um acontecimento que não pode ser explicado pelas leis deste mesmo mundo familiar. Aquele que o percebe deve optar por uma das soluções possíveis; ou se trata de uma ilusão dos sentidos, de um produto da imaginação e nesse caso as leis do mundo continuam a ser o que são; ou então o acontecimento realmente ocorreu, é parte integrante da realidade, mas nesse caso esta realidade é regida por leis desconhecidas para nós. (TODOROV 1975, p. 30)



No romance *Sombras de Reis Barbudos* é possível perceber a presença do fantástico quando subitamente o mundo de Taitara é envolto por acontecimentos inexplicáveis que alteram a rotina dos habitantes e fazem a realidade da cidade perder as características do normal. As pessoas são acometidas pelo absurdo da burocracia e abuso do poder tornando-se apreensivas quanto ao futuro.

O absurdo das situações toma vulto quando, certo dia, a cidade amanhece cercada por muros, ocupando as ruas, fazendo com que a população percorra verdadeiros labirintos para ir de um lugar a outro. Sucedem-se os absurdos: de repente a cidade é invadida por urubus, inofensivos mas inconvenientes, que permanecem por um tempo e depois abandonam o lugar.

Enquanto isso, o prestígio de Horácio cresce: de mero funcionário passa a fiscal e usa uma farda que o diferencia dos cidadãos comuns. Mas, se ele cresce em importância, Lu recebe o troco em desprezo da parte de seus amigos que já não o vêem como antes - agora, ele é filho de um odiado fiscal da Companhia, fato que o incomoda e o marginaliza.

Tudo se torna ainda mais confuso para Lucas quando este vai visitar seu tio Baltasar e o encontra à beira da morte, situação que se mistura a um inexplicável envolvimento afetivo com sua tia Dulce.

Lucas volta pra casa para ajudar seu pai Horácio, que depois de deixar o emprego resolve montar um armazém e começar uma vida nova, mas o ressentimento guardado pela população do tempo em que era fiscal o impediram de progredir, levando-o à prisão e ao desaparecimento.

O passar do tempo torna a situação ainda mais insustentável para os habitantes de Taitara, trazendo ao narrador-personagem a reflexão: “Quando parece que não vamos agüentar mais e cair no desespero alguém inventa um passatempo para nos distrair” (Ibid, p.116).

Inicialmente a Companhia não se importava, com a saída das pessoas para morar em outros lugares, mas depois cercou as estradas, proibiu a saída e assim tirava aos poucos daquele povo o direito de sonhar. Nesse momento Lu começa a perceber algo surpreendente: que as pessoas estão voando em busca de seus sonhos ludibriando a opressão dos fiscais.

De uma maneira geral percebe-se que *Sombras de Reis Barbudos* está relacionada principalmente à nossa existência enquanto seres Humanos, nossos valores, limitações e a capacidade de superação quando a vida se mostra insuportável.

O texto, um relato confessional ou um depoimento, em primeira pessoa, apresenta o foco do eu como testemunha, dando assim, maior verossimilhança ao fato narrado. Lucas, atua como uma testemunha, como é perceptível ao longo da leitura, o que lhe confere uma

presentividade marcante, narra como alguém que testemunha todos os fatos e emite sua opinião sobre os acontecimentos narrados. O fato de Lucas ter apenas nove anos, também influencia a atmosfera fantásticas das situações narradas. É através da visão de uma criança que essa história nos é contada; que lhe confere toda uma certa leveza, da imaginação infantil.

Retidos em casa, ignorando o que se passava lá fora, vivíamos praticamente como prisioneiros. Chegar à janela não adiantava muito porque só víamos muros, e ainda coríamos o risco de cometer alguma infração nova. O expediente menos arriscado era abrir uns dois palmos de janela, deitar de costas no chão e ficar olhando pela resta as nuvens e os urubus passando livres lá em cima. Muita gente devia estar fazendo isso porque no caminho da escola eu passava por muitas janelas entreabertas. (Ibid. p. 66)

José J. Veiga traça com precisão a opressão, dominação da cidade de Taitara e as perplexidades dos seus moradores, diante de alguns acontecimentos absurdamente terríveis como o surgimento dos muros:

Da noite para o dia eles brotaram assim retos, curvos, quebrados, descendo, subindo. dividindo as ruas ao meio conforme o traçado, separando amigos, tapando vistas, escurecendo, abafando (...) Com tanto muro para encarar quando estávamos parados e rodear quando tínhamos de andar, a vida estava ficando cada dia mais difícil para todos. (...) (Veiga 1988, p27).

Inicia-se o isolamento como forma de totalitarismo, levando os habitantes daquele lugar ao cansaço e ao desânimo. O desmanche da cidade à revelia, tornando-a um labirinto. "Depois até a porta do sonho foi fechada quando a Companhia cercou as estradas". Com isso iam ficando "isolados do mundo, gente de fora não ia querer entrar, sabendo que não podia sair". (Ibid, p.114).

A presença dos muros, e outros fatos estranhos - pode ser encarada metaforicamente, ou seja, pode ser considerada uma representação figurada de uma realidade abstrata, uma figurativização talvez do embate entre o subdesenvolvimento e a tecnologia industrial do século.

Afinal de contas, era uma situação nova que se apresentava, o surgimento de uma Companhia de Melhoramentos, camuflada em uma denominação de progresso, provocando uma transição do espaço antigo para o novo, com mudanças radicais em seus hábitos.

A invasão induz o leitor a perceber a inquietude coletiva que perpassa a população, que antes levava uma vida sossegada e que de uma hora para outra se depara com um novo sistema do qual não tem conhecimento. É o intruso que se apresenta com promessas de melhorias e de empregos, porém, torna a vida dos cidadãos insuportável.

A chegada dos urubus, que em grande número sobrevoavam a cidade, pousando nos muros, entrando nas casas, torna as pessoas apreensivas com a preferência deles (dos urubus) por aquele lugar, levando-os ao questionamento: "Por que acharam eles de se concentrar logo aqui? Estariam prevendo algum acontecimento proveitoso para eles e naturalmente prejudicial para nós?" (Ibid, p. 36) .

A figura desses pássaros negros trazem em si uma simbologia de mau agouro, malefícios, anúncio de mortes e desastres. Surgem no romance como alegoria do caos e da sombra, como uma possível outra face da companhia cuja função é indefinida.

Para conviver em meio àqueles animais assustadores os habitantes passam a utilizá-los como animais domésticos, alternativa encontrada pelos moradores como forma de resistência à ameaça ruim que representavam.

As proibições não cessam e a opressão é crescente.

De um dia para o outro sem nenhum aviso, ficou perigoso até perguntar ou informar as horas a um desconhecido (podia ser fiscal). Muita gente se complicou por se queixar inocentemente do calor, ou dizer que não estava fazendo tanto calor; por responder a cumprimentos ou não responder por distração; por se abaixar para apanhar um objeto qualquer na rua, ou por não ver um objeto e não se abaixar para apanhá-la. (ibid, p. 66).

Observamos, no entanto, que apesar de tamanha repressão e absurdas censuras impostas pela Companhia, os habitantes de Taitara conseguem resistir utilizando artifícios capazes de amortecer a dura realidade, ora saltando e pichando muros, portando lunetas, domesticando urubus, encarando a vida com leveza tornando possível a existência.

Em meio a proibições e punições há na obra um momento lúdico, poético que rompe ligeiramente a dura rotina do lugar, foi a chegada do mágico Uzk que aguçou a reflexão e a imaginação de Lucas após a apresentação.

Saíamos do teatro maravilhados e assustados, procurando explicações e não encontrando. No meu caso quanto mais eu pensava menos entendia, e mais assustado ficava. Não seria perigoso mexer com aquelas coisas, mostrar que o mundo que conhecemos desde pequeno não passa de uma ilusão, ou não é o único? Sendo assim, qual é o mundo real? Será um mundo em que pedras e sapos voam, areia molha, fogo pode ser cortado e guardado no bolso? E será que para um mundo assim este nosso é que é absurdo? Então o que não é absurdo? (Ibid, p. 60)

O narrador nesse momento se vê diante de vários questionamentos: Qual o mundo poderá ser considerado normal? o que ele conhecia, ou aquele apresentado pelo mágico? E os absurdos vividos fazem parte de qual mundo?

Essas indagações remetem ao "fantástico", pois segundo Todorov, "o estranho realiza uma das condições do "fantástico".(1975,p.53).

Olga Reimann acrescenta: "O herói sente contínua e distintamente a contradição entre os dois mundos, o do real e do fantástico, e ele próprio fica espantado diante das coisas extraordinárias que o cercam".

A narrativa prossegue em meio as arbitrariedades e humilhações sofridas pelos moradores do vilarejo e a situação torna-se tão insuportável a ponto de levar o garoto Lucas a seguinte reflexão sobre a existência da dor:

(...) dor insuportável ninguém sabe como é porque ninguém ainda não sofreu (...) Todo mundo vem dizendo há muito tempo que a vida está insuportável, e que se continuar assim ... Pois continua, e cada dia piora, e estamos aí agüentando. Quando parece que não vamos agüentar mais e cair no desespero, alguém inventa um passatempo para nos distrair. (Veiga, 1988, p.116)

O fantástico vivido em Veiga é o fantástico tradicional, originado da Europa e coberto pela teoria de Tzvetan Todorov, no qual a realidade cotidiana é invadida pelo elemento sobrenatural, mas que pode ser condicionado por alucinações, delírios, pesadelos, loucuras ou por manifestações que não são possíveis serem explicadas pela ciência ou razão humana dos personagens. (TODOROV 1975, p.30)

Um dia, enquanto Lucas cuida das hortaliças vê um homem voando. Pensa que enlouqueceu/conta o fato à mãe que faz o mesmo juízo. Com a passagem dos dias, o fato se confirma: realmente as pessoas voam e assim, ludibriam, pela primeira vez, os fiscais. Pessoas voando - a princípio o fato é tido como fantástico. Porém a Companhia, ao se sentir contrariada por considerar o ato de voar uma contravenção passa a proibir as pessoas de fazerem, e como não são obedecidos punem então aqueles que estejam observando o céu. Para se prevenir contra tal perigo, alguém inventou um aparelho a fim de usarem em volta dos pescoços quando saíam à rua e que servia para mantê-los voltados para o chão, evitando assim que, por distração, ou mesmo para descansar os músculos, erguessem o olhar aos céus.

A narrativa chega ao fim com a aparição de um sujeito na venda do seu Chamun, dizendo que o que estava acontecendo não passava de uma alucinação coletiva, não se tratava de doença, mas de um remédio contra a loucura. Enquanto o dono da venda se põe a pensar, Lucas sequer volta o olhar ao perceber que a sombra do professor se eleva no espaço, cansado que estava de ver gente voando.

A obra evidencia a contradição entre o peso e a leveza; mostra a dura realidade regada a opressão e restrições imputada aos habitantes de Taitara e a busca por alternativas capazes de libertá-los como a incrível façanha de voar.

Sombras de Reis Barbudos apresenta elementos do fantástico quando mostra fatos estranhos, impossíveis ao mundo real como pessoas desenvolverem a capacidade de voar tornar-se algo comum, banal, estabelecendo uma contradição entre o real e o sobrenatural inexplicável aos olhos humanos. E esse é um dos aspectos que tornam essa história mais leve, em oposição ao peso da opressão vivenciadas por aquelas pessoas de Taitara.

## **5. ENTRE A LEVEZA DA LINGUAGEM E DO RISO: A POSSIBILIDADE DA IMAGINAÇÃO FALAR MAIS ALTO**

Em Sombras de Reis Barbudos, fábula social/política, de cunho alegórico, percebe-se um diálogo com o livro Seis Propostas para o Próximo Milênio de Ítalo Calvino, especificadamente no tocante ao capítulo que trata da leveza.

A leveza, a primeira das características defendidas por Calvino como essenciais para o novo milênio. Cada metáfora utilizada por Veiga, vai cadenciando-se até transformar a obra numa grande reflexão da História da sociedade brasileira e do peso sofrido pela nação naquelas décadas. Não se pode deixar de reconhecer, porém, a possibilidade de uma outra reflexão: a situação universal da condição humana sob regimes de opressão, diz respeito à liberdade e à existência de todos enquanto humanidade.

Portanto, não se pode deixar de reconhecer que no dia-a-dia o peso alimenta nossas vidas, seja a burocracia a qual temos de nos submeter, seja o próprio processo mesmo das relações humanas. Percebemos que o peso da vida está intimamente ligado à opressão, o que revela a necessidade de se criar novos paradigmas para aprofundar reflexões sobre os princípios e valores de uma nova sociedade.

Devemos acrescentar ainda que a cada dia vê-se a perpetuação das injustiças sociais, o desespero daqueles que não foram "agraciados pela sorte" de ter um mínimo para uma vida digna, a inoperância de uma sociedade, que necessita de pessoas em processo de exclusão social para a efetivação de um modelo político que desconsidera os valores humanos, em penhor do grande deus, o mercado. O que é isso senão o peso inerente ao viver?

Em Sombras de Reis Barbudos, esse peso chega a situações extremadas. Vimos que o peso está claro e presente na opressão que o poder instala em todas as suas manifestações

arbitrárias, interditando a liberdade humana. O tema é realmente pesado, é a própria subjugação do homem. Mas, como disse Calvino, só com os artifícios que não pertencem ao universo do viver, poderemos driblar esse peso. E é isso o que faz o escritor José J. Veiga com as armas da literatura, do romance.

A primeira e talvez a mais relevante característica de leveza utilizada pelo autor neste romance, seja exatamente a linguagem utilizada pelo narrador em primeira pessoa, uma criança, menino-personagem, alegoria que nos torna conhecedores das mudanças que ocorre na pequena cidade, mudanças terríveis que acabam por transformar a pacata comunidade em um enorme campo de concentração, onde se dará a luta entre a repressão e a resistência da população.

Este é um atributo peculiar à obra de Veiga. Elaborada com precisão, procura eliminar os floreios, até deixá-la limpa e simples o suficiente para aproximá-la da fala da língua comum no Brasil. Na lembrança que Lu guarda de Felipe podemos comprovar a contraposição entre a linguagem culta (ironizada) e a popular, sendo que o autor opta pela segunda: "Felipe falava engraçado. Para ele o que era bom demais era ímpar, o que era ruim era abominável, o feio era hediondo, o bonito era refinado, essas palavras que a gente só encontra em livro de escritor importante." (Veiga, 1988, p. 11).

Com a leveza da fala coloquial se instala também um outro mecanismo que permitirá a leveza do texto, a fim de contrapor ao peso do tema - o riso. Já disse Calvino no livro citado, que o "humor provém de uma gravidade sem peso, ou seja, assim como a melancolia é a tristeza que se tornou leve", humor é o cômico que perdeu o peso corpóreo" (1990, p. 32).

Assim, o tema forte da opressão e da liberdade é trabalhado numa linguagem solta e corrente, abstraindo-lhe a concretude e o pesadume do destino do homem, e se faz notar a partir mesmo das situações inusitadas. De uma hora para outra, as coisas mais absurdas começam a acontecer, e o autor deixa a leveza transparecer diante do absurdo, a partir da própria linguagem descontraída e irônica.

Enquanto estivemos entretidos com os urubus outras coisas andaram acontecendo na cidade. A Companhia baixou novas proibições, umas inteiramente bobocas. só pelo prazer de proibir ninguém podia mais cuspir para cima, nem carregar água em jacá, nem tapar o sol com peneira, como se todo mundo estivesse abusando dessas esquisitices. (Veiga, 1988, p.46) [grifo nosso].

Com a saída do tio Baltazar da Companhia, os desgostos e mandos iniciaram.

O palacete de tio Baltazar foi comprado por uma família de espanhóis (...) Foi um susto para mim ver as paredes de fora recebendo aquela tinta avermelhada horrível e a grama do jardim maltratada do transitar de trabalhadores e do manejo de material, um estrago de cortar o coração [peso] . Da segunda ou terceira vez que passei lá reagi contra a tristeza e pensei : isto é apenas uma casa para que sofrer por ela quando a própria Companhia está se acabando? (Ibid, p.26). [grifos nossos]

Com a reação de Lu contra a tristeza, percebe-se o tom de leveza que ele atribui à grande perda que foi a separação com o tio Baltazar e, conseqüentemente, com a casa, uma lembrança viva e presente.

O primeiro dos inúmeros grandes sofrimentos impostos aos moradores de Taitara deu-se com o surgimento dos muros, separando as pessoas, tirando-lhes a visão do mundo, o sabor pela vida, escurecendo-lhes os caminhos, impondo-lhes peso. Porém, a leveza mais uma vez vence o peso, até na resignação. "No princípio quebrávamos a cabeça para achar o caminho de uma rua à rua seguinte, e pensávamos que não íamos nos acostumar [peso]. Hoje podemos transitar por toda parte até de olhos fechados, como se os muros não existissem [leveza]" (Ibid, p. 27) (grifos nossos).

Nesse sentido, um primeiro olhar nos remete à associação que Calvino faz da Leveza à precisão e à determinação e nunca ao vago ou aleatório. (1990, p.28) Os muros eram uma realidade e teriam que ser vencidos para possibilitar o curso normal de vida daquele povo, portanto teriam que ser encarados com coragem, com precisão.

A cada dia as proibições aumentam, os fatos mais absurdos acontecem no cotidiano da cidade, e, para livrar-se de tanto peso os moradores iniciam uma relação de passatempo insólita com os urubus que, de uma hora para outra, invadem a cidade. Primeiro, olhando-os de lunetas, binóculos, e depois os criando como animais de estimação. No trecho transposto abaixo, podemos visualizar o quanto a linguagem através das imagens, remete-nos ao peso e à leveza, e, no meio desses, o humor se sobressai:

Mas a não ser pela quantidade, que assustava. e pela cor. Que lembrava luto. [peso] os urubus não incomodavam. A princípio nós os espantávamos a vassouradas, depois fomos amolecendo e facilitando a vida deles [leveza] (...).Com esse tratamento eles foram perdendo o receio e se instalando em nossas casas (...) quando ganhavam confiança pulavam para dentro e ficava rodeando as pessoas (...) Depois de atendidos e empanturrados se retiravam para um canto, encolhiam-se e dormiam como galinhas [leveza]. Era uma novidade ver aqueles bichos antes tão malquisto dormindo indefesos por cima dos móveis e às vezes até nas passagens, com o risco de serem pisados por pessoas distraídas (Veiga. 1988, p. 45)

No relacionamento de paz que os moradores de Taitara passaram a ter com aquelas aves, evidencia-se uma demonstração de carência (... "era uma novidade ver aqueles bichos") e por que não de amor (... "tão malquisto, dormindo indefesos"). Tratando-as como animais domésticos metaforicamente vencerem à morte. É o homem encarando o problema de frente, no controle da situação, olhando-o sob outra ótica:

As crianças logo fizeram amizade com eles. [leveza] quase todo menino (e menina também) tinha um urubu para acompanhá-lo como um cachorrinho até na ma. espontaneamente ou puxado por uma corda presa com laço frouxo no pescoço apenas para indicar a direção. (ibid p.45). (grifo nosso)

Lembremos que o urubu é uma ave maléfica, anunciadora de mortes e desastres. A desgraça, a opressão e a dor foram vencidas por aquelas crianças e com gesto de amor e de meiguice passaram a lidar com aquelas aves, única possibilidade de divertimento que o local lhes oferecia. Esse acontecimento nos remete a Perseu, quando do domínio ao monstro – a medusa e ao mesmo tempo nos faz rir pelo humor que a linguagem permite.

E é pelo simples prazer de mandar, que a Companhia, paradoxalmente, proibiu as pessoas de rirem em público.

Não que andássemos rindo à-toa, faltavam motivos para isso; mas era engraçado ver um fiscal correndo atrás de um urubu na rua [leveza] ( os fiscais tinham ordem de prendê-los), o urubu ora andando apressadinho, ora voando baixo, quebrando cangalha quando estava para ser alcançado, o fiscal dando o pulo com a mão estendida e se esborrachando no chão, enquanto o urubu ficava olhando de longe com cara de quem não entendeu a brincadeira. É claro que todo mundo ria. [leveza] talvez nem tanto do fiscal, a situação é que era engraçada. [leveza]. Mas um fiscal, homem ligado à Companhia e representante dela cá fora, não podia ser motivo de risada na rua, e a proibição não demorou. [peso] (Ibid, p. 47) [grifos nosso]

Em José J. Veiga, o riso acontece a partir mesmo das situações inusitadas com efeito, a situação é realmente engraçada apesar da proibição que paira no ar. Como diz Calvino, "a gravidade sem peso", "é o cômico que perdeu o peso corpóreo" (1990, p. 32), e dá leveza à tristeza, ao peso de viver.

A Companhia resolveu apertar a rosca contra os urubus. Eles não seriam mais tolerados nas ruas, e quem quisesse ter urubu em casa ficava obrigado a registrá-los na Companhia e identificá-los com uma chapinha de metal padronizada adquirida no ato de registro (...) O urubu encontrado sem a chapinha seria sacrificado e cremado e as despesas rateadas entre os moradores da rua. [peso/leveza] (...) Quantos deviam o dono da casa registrar? Como estabelecer preferências, sabendo-se que preferir uns era condenar os outros? [peso] (...) a maioria fechou os olhos às despesas e registrou todos [leveza] Quanto aos da rua, tivemos ainda de organizar um serviço (...) não queríamos assistir à morte deles [leveza/peso] (...) Mas o nosso sentimentalismo resultou em mal para os urubus que ficaram. Sem os outros para olhá-los de fora com inveja, eles foram perdendo a alegria (...) [peso] o jeito era soltá-los (...). As chapinhas guardamos como lembranças [leveza]. (Veiga. 1988 ps. 47,4& e49).

E assim, por um certo tempo distraiu aquele povo a ponto de desviar-lhes a atenção das dificuldades.

Com a expulsão dos urubus, os muros voltaram a ser vistos apenas como função de separar, já não existiam urubus para pousar e, consequentemente, “enfeita-los de ponta a ponta (...) Não pensamos que os urubus fossem fazer tanta falta.”



Com essa declaração de Lucas fica evidente a perdida condição humana em que viviam os moradores de Taitara: sem os urubus para diverti-los a “vida voltou a triste rotina de fitar os muros” (peso).

Por outro lado o aparecimento do mágico, por si só, é uma pausa no peso, na tristeza, para a entrada do leve, do mágico; é uma pausa no sofrimento, na mesmice dos dias que de “tão iguais pareciam um só” e por isso mostrava a vida como uma estrada comprida sem margens nem marcos, uma estrada onde se ficava alheio a todo e qualquer sonho, uma estrada onde esperava que algo de bom acontecesse, mas que não se sabia para qual direção olhar, até porque diante de tantas incertezas, tudo para eles era um “nada sem fim”. Mas o mágico chega e a poesia (leveza) se instala, tanto em Taitara quanto na linguagem da narrativa.

É difícil explicar, mas no momento que a cortina se abriu eu senti qualquer coisa diferente no ar, assim um arrepiro vindo não sei de dentro ou de fora de mim, uma mudança na qualidade dos sons, como se meus ouvidos tivessem acabado de passar por uma limpeza sensacional, e sei que todo mundo sentiu a mesma coisa. (...) Ninguém se mexia, ninguém falava, e acho que se ele ficasse naquela posição de cruz até o fim do espetáculo ninguém ia reclamar. Não vi quando ele começou, foi tudo suave e natural. (ibid, p.59)

Era a pausa que ele eles necessitavam, e nós também, enquanto leitores, para entrar no mundo dos sonhos, no mundo do fantástico, onde tudo é possível e não exige explicação. “Naquela noite, e nas outras, o Grande Uzk fez o que quis, virou o mundo pelo avesso na nossa frente, desmanchou-o e montou de novo de maneira diferente, nós vendo tudo e não acreditando, ainda hoje não acredito”. (Ibid, p.59).

Dessa maneira, José J. Veiga vai traçando suas histórias, numa constante alternância entre o peso, a privação e a levitação. Quando o relato tende a sufocar, ele, o arquiteto dessa engenhosa e opressiva realidade, faz a linguagem flutuar acima do mundo comum, desfazendo as relações aparentes e a aparente concretude das coisas.

E nós, o que faremos? A impossibilidade de realizarmos o vôo, tal qual os personagens de Sombras de Reis Barbudos, não invalida a possibilidade de alçarmos o vôo onírico.

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Romance *Sombras dos Reis Barbudos*, de J. J. Veiga, é um exemplo de como a leveza em contraponto ao peso poderá ser a salvação para o pesadume do viver. O peso está evidente, na realidade sempre presente na opressão exercida pela Companhia quando coage o tempo todo os habitantes de Taitara.

A obra apresenta uma estrutura narrativa dramática, representa determinadas situações para dar idéia de outras, tornando-se capaz de levar o leitor a visualizar o real só possível pela imaginação.

O tema é realmente pesado, é a própria subjulgação do homem, mas o escritor J. J. Veiga utiliza a Literatura, especificamente no que diz respeito à forma, ou seja a linguagem literária para amenizar a concretude do peso de uma informação, através de uma linguagem indireta, leve.

A leveza do texto está circunscrita ao fantástico que surge das estranhezas provenientes do próprio real e utilizado pelo autor como um recurso para que o realismo possa emergir.

Através de uma linguagem quase coloquial, simples, caracterizada pelo despojamento verbal se instala o mecanismo que permitirá a leveza do texto: o riso; a fim de contrapor ao peso do tema.

O narrador um adolescente, com voz na primeira pessoa do discurso, relata os fatos a partir do seu ponto de vista, há portanto um grande envolvimento do eu, a narrativa ganha tom de confiança e tem-se a idéia de que o narrador fala diretamente ao leitor. A linguagem quase infantil, solta e peculiar da obra de Veiga universaliza o texto permitindo a leitura de todas as épocas e idades.

Na obra de Ítalo Calvino “As Seis Propostas para o Próximo Milênio”, na qual o autor menciona quais valores literários mereciam ser preservados no milênio em que nos encontramos acreditando ser a literatura, e talvez unicamente ela capaz de criar subsídios que caibam a expansão da “Peste da Linguagem”, destaca a Leveza que somente pode ser compreendida em sua essência, a partir do momento em que o homem toma consciência do peso do viver.

Conforme disposto, concluímos que a leveza dentre outros conceitos, pode ser vista como uma maneira de suavizar a concretude do peso.

Veiga no desenrolar de sua narrativa, dialoga com a proposta de Ítalo Calvino para o milênio, atual haja visto a precisão com que trata o tema, reafirmando o pensamento calviniano de que podemos ser precisos e leves ao mesmo tempo.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CALVINO, Italo. Seis propostas para o próximo milênio; lições americanas. Trad. Ivo Barroso. São Paulo: Cia das Letras, 1990. 82.

DURAND, Gilbert, A imaginação simbólica. São Paulo. Cultrix, 1988.

MOISÉS. Massaud. A criação Literária; Introdução à problemática da literatura. São Paulo. Melhoramentos, 1975.

SOUSA, Agostinho Potenciano de. Um olhar crítico sobre o nosso tempo: Uma leitura da Obra de José J. Veiga. São Paulo: Unicamp, 1990.

TODOROV, Tzvetan. Introdução à literatura fantástica. São Paulo: Perspectiva, 1975.

VEIGA, José J. Literatura Comentada. biografia por Moacir Amâncio; seleção de textos, estudos históricos e críticos e exercícios por Samira Youssef Campedelli- São Paulo:Abril Educação. 1982.

VEIGA, José J. Sombras de Reis Barbudos. Rio de Janeiro: Bretand Brasil, 1998.